

A ETNOGRAFIA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA QUALITATIVA

Ethnography and participating observation in qualitative research

Petula Ramanauskas Santorum e Silva – UFSCar/Sorocaba*
Mércia Santana Mathias – UFSCar/Sorocaba**

Resumo: O presente artigo discute a etnografia e a observação participante como estratégia de coleta de dados à luz da abordagem qualitativa na área da educação. Tomou-se como ponto de partida a obra de Angrosino (2009) e Mattos e Castro (2011), dialogando com demais autores que discutem ou se aproximam da temática. Portanto, trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, organizada em duas seções: a) definições importantes sobre a etnografia e o seu campo de pesquisa, uma breve história de seu percurso princípios básicos, e b) a etnografia na prática, as etapas de um estudo etnográfico e a importância da ética no escopo de estudo etnográfico. Na Educação a “etnografia” e observação participante destacam-se na análise do processo de ensino-aprendizagem e, se for articulada a um trabalho de colaboração podem contribuir para o repensar e organizar a relação docente/discente, bem como trazer elementos para reflexão de seu clima organizacional.

Palavras-chave: Etnografia. Observação Participante. Pesquisa qualitativa.

Abstract: This article discusses ethnography and participant observation as a strategy for collecting data in the light of the qualitative approach in the field of education. The work of Angrosino (2009) and Mattos and Castro (2011) was taken as a starting point for dialogue with other authors who discuss or approach the theme. Therefore, it is an exploratory research of bibliographic nature, organized in two sections: a) important definitions about ethnography and the field of research, a brief history of its route basic principles, and B) the ethnography in practice, the steps of an ethnographic study and the importance of ethics in the scope of ethnographic study. In education the "ethnography" and participant observation stand out in the analysis of the teaching-learning process and, if it is articulated to a collaborative work, it can contribute to the rethinking and organizing of the teacher/student relationship, as well as bring elements for reflection of its organizational atmosphere.

Keywords: Ethnographic. Observational research. Qualitative research.

INTRODUÇÃO

Atualmente a pesquisa qualitativa ocupa um espaço devidamente reconhecido na academia quando se pensa em estudos e pesquisas com seres humanos e suas mais diversas relações inseridas em contextos próprios. É nesse contexto que a pesquisa qualitativa se apresenta, como abordagem que pode expressar o que seria inviável por via da perspectiva quantitativa. Nesse olhar, Chizzotti (2003), afirma:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e

* Mestranda em Educação pela UFSCar campus Sorocaba/SP, membro do GEPLAGE – Grupo de Estudos e Pesquisas Estado, Políticas, Planejamento, Avaliação e Gestão da Educação e diretora de escola na rede municipal de ensino de Sorocaba/SP. E-mail: petularss@hotmail.com.

** Mestranda em Educação pela UFSCar campus Sorocaba/SP, membro do NEPEDEEE's – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Direito a Educação e Educação Especial. E-mail: mercia1565@hotmail.com.



competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p.224)

A abordagem qualitativa solicita do pesquisador o refinamento do olhar, investigando e pesquisando seu objeto com a ideia de que nada é comum ou trivial e que tudo, inclusive o silêncio, pode constituir-se uma pista para principiar uma elucidação da realidade estudada (BOGDAN E BIKLEN, 1994). A pesquisa qualitativa pode ser realizada a partir de três vertentes: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia (GODOY, 1995,p.21). Em breves linhas podemos dizer que a pesquisa documental é aquela realizada tendo como ponto de partida os mais variados documentos, entendendo que:

A palavra "documentos", neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). Tais documentos são considerados 1/ primários" quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado, ou 1/secundários", quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência. (GODOY, 1995, p.21-22)

O estudo de caso é uma pesquisa onde o objeto eleito (indivíduo, espaço e circunstância) é analisado profundamente com o intuito de adentrar a descrição de determinado fenômeno, pesquisando situações típicas ou não-usuais. Yin (apud GODOY) descreve que:

[...] é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência. (YIN apud GODOY, 1995, p.25)

E a etnografia está associada ao estudo de grupos humanos, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças (ANGROSINO, 2009, p. 30). Syvain Aurox (apud MATTOS e CASTRO) diz que:

A maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível sobre um grupo particular de pessoas e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que fazem (MATTOS E CASTRO, 2011, p.10)

Desde o século XIX a Etnografia vem, juntamente com a pesquisa qualitativa, apresentando seu valor, sua importância e relevância. Ao olharmos para determinados temas com objetivos qualitativos ao estudar certos grupos, a etnografia pode apresentar-se como uma base metodológica e teórica para a pesquisa, bem como uma estratégia, quando adequada aos propósitos pretendidos. Na área da educação, os estudos etnográficos tem sido ponto de acercamento com a abordagem socioantropológica, dando voz e ouvindo os sujeitos envolvidos, possibilitando reflexões e ações nas práticas e políticas educacionais que envolvem os sujeitos (MATTOS e CASTRO, 2011, p.17,20).

Por sua vez, a observação participante é um processo fundamentado, utilizado como ferramenta de pesquisa, e como tal, está condicionada às etapas do rigor acadêmico - científico. O papel do pesquisador enquanto observador é graduado pelo maior ou menor nível de imersão no campo de estudo, perfazendo desta forma o seu nível de envolvimento. A observação é um processo bastante complexo, se trata de relações e comportamentos humanos e mesmo que o pesquisador se utilize de outras formas de coleta de dados, ele jamais deixará de ser um observador atento das pessoas e dos fenômenos. Neste sentido o ato de reflexão, por parte do pesquisador será constante para que possa obter o equilíbrio necessário para agir sempre com bom-senso crítico. Mas o que será reflexão? Sobre isto Saviani explicita que,

A palavra nos vem do verbo latino "reflectere" que significa "voltar atrás". É, pois, um re-pensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. Poderíamos, pois, dizer: se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão. Esta é um pensamento consciente de si mesmo, capaz de se avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos, de medir-se com o real. Pode aplicar-se às

impressões e opiniões, aos conhecimentos científicos e técnicos, interrogando-se sobre o seu significado. Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. (SAVIANI, 1973, p.23)

Contudo a observação pode ser coadjuvante da participação, desde que o pesquisador se proponha a ir além da passividade da observação de pessoas e eventos, o que Angrosino (2009, p. 76) teoriza como “um processo de aprendizagem por exposição ou por envolvimento nas atividades cotidianas ou rotineiras de quem participa no cenário da pesquisa”.

Este estudo está organizado em duas seções: a) definições importantes e características sobre a etnografia, observação participante e o seu campo de pesquisa, uma breve história de seu percurso princípios básicos, e b) a etnografia na prática, as etapas de um estudo etnográfico e a importância da ética no escopo de estudo etnográfico. Também abordamos como os dados devem ser tratados e como elaborar um relatório etnográfico.

CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA ETNOGRAFIA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Etnografia é um termo originário do século XIX, dos estudos comparativos dos modos de vida dos seres humanos. Na raiz da palavra, o dicionário define “**etnoe**” (outros povos) e “**log**” (saber sobre), dando a ideia de “estudo sistemático ou científico sobre o outro”; “**etn**” (sociedade particular) e “**graf**” (escrever sobre um tipo particular), sendo a escrita sobre um tipo particular de sociedade. É “[...] a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009 p.30), dessa forma:

[...] é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo. (ANGROSINO, 2009, p.16)

A observação participante é um “[...] estilo pessoal adotado por pesquisadores de campo que após serem aceitos na comunidade a ser estudada, utilizam diversas técnicas para coletar os dados e estudar o grupo” (ANGROSINO, 2009, p.34). De forma sucinta, Oliveira (1992) expressa que:

Apesar de essa observação participante ter tido sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações ágrafas e de pequena escala, tal não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo. Dessa observação participante, sobre a qual muito ainda se poderia dizer, não acrescentarei mais do que umas poucas palavras; apenas para chamar a atenção para uma modalidade de observação que ganhou, ao longo do desenvolvimento da disciplina, um status alto na hierarquia das ideias-valor que a marcam emblematicamente (OLIVEIRA, 1992, p.30-31)

Na etnografia não participante é preciso que os participantes do estudo reconheçam “[...] o pesquisador como um legítimo estudioso que tomou as necessárias precauções éticas ao estruturar a sua pesquisa” (ANGROSINO, 2009, p.33), estabelecendo com o grupo puramente como pesquisador. O observador participante precisa adotar procedimentos e tendências que contêm um maior número de indivíduos entre os quais se determine a conviver, compreendendo que como observador dependerá da boa vontade do grupo, avançando conforme haja abertura e permissão para tal, e que desse processo depende toda a pesquisa.

Breve história da Etnografia

A etnografia surge a partir de estudos antropológicos no final do século XIX e início do século XX, quando do estudos de grupos humanos, tendo por berço a Inglaterra e, como seus precursores, podemos citar, dentre outros: A. R. Radcliffe-Brown e Bronislaw Malinowski, este último considerado um dos pais da etnografia a medida que sistematiza os percursos a serem trilhados para realizar no campo a pesquisa (MATTOS e CASTRO, 2011), e posteriormente fortalecida com os estudos do

americano Franz Boas e, na década de 1920, a influência da “Escola de Chicago” levou a etnografia para as mais diversas áreas (ANGROSINO, 2009). Chizzotti esclarece que:

A etnografia, neste período, e o trabalho de Malinowski é, nisso, exemplar, busca fundamentar a descrição científica das observações sobre a vida do “outro”, procurando enquadrar seu relato nos critérios científicos canônicos de validade, confiabilidade e objetividade. O pesquisador descreve o caos dos fatos observados, estabelece os fundamentos da análise, os critérios de comprovação para extrair interpretações generalizantes fidedignas. (CHIZZOTTI, 2003, p.226)

A partir de Franz Boas, conforme Mattos e Castro (2011), percebe-se que:

[...] cada grupo possui uma história singular, dentro de sua cultura e é preciso entendê-la como parte de um momento específico; a história da humanidade pode ter seguido por diferentes caminhos, logo, o pensamento evolucionista etnocêntrico é desconsiderado (MATTOS e CASTRO, 2011, p. 27).

Nos anos de 1930, a antropóloga Margaret Mead insere a Educação no fazer antropológico e etnográfico através de seu clássico estudo *“Growing up in New Guinea” (Crescendo na Nova Guiné)*, onde procurava entender de que forma “[...] valores, gestos, atitudes e crenças eram inculcados nas crianças pelos adultos com o objetivo de formá-los para viver dentro da sua sociedade”. (MATTOS e CASTRO, 2011, p. 29). Nos dias atuais a etnografia encontra-se consolidada como campo e estratégia de pesquisa na abordagem qualitativa, presente nas mais diversas áreas do conhecimento tais como: antropologia, sociologia, educação, psicologia, história, economia, ciência política, e outras ciências sociais e humanas, e orientações teóricas como funcionalismo, interacionismo simbólico, feminismo, marxismo, etnometodologia, teoria crítica, estudos culturais e pós-modernismo, servindo como ferramenta para a pesquisa acadêmica.

Princípios básicos da Etnografia

O método etnográfico explicita certas características ímpares dentro das pesquisas sociais. Conforme Angrosino (2009) enumera, ele é: baseado na pesquisa de campo, possui técnica de coleta de dados multifatorial, sendo personalizado devido a condução dos pesquisadores e grupo estudado em questão e requer um compromisso a longo prazo, e demonstra-se indutivo ao utilizar o acúmulo descritivo do detalhamento para construção de seus argumentos, é dialógico devido à natureza de suas conclusões e holístico ao revelar de forma mais completa possível o grupo em questão.

Já o produto etnográfico pode apresentar-se em três formas: realística, confessional ou impressionista (Angrosino, 2009), de forma a contar uma história com introdução, caracterização da cena, análise detalhada dos padrões do grupo em questão e finalmente uma conclusão. Relatos feitos de modo realístico “[...] são retratos objetivos e despersonalizados, feitos por um analista emocionalmente neutro” (ANGROSINO, 2009, p.32). Já os relatos realizados de modo confessional “[...] são aqueles nos quais o etnógrafo torna-se um personagem central e a história da comunidade em estudo é explicitamente contada de seu particular ponto de vista” (ANGROSINO, 2009, p.32). E os relatos impressionistas “[...] adotam abertamente procedimentos literários ou de outras artes – como uso de diálogo, descrição elaborada de personagens, descrições evocativas de paisagem ou ambiência, estrutura narrativa (...), uso de metáforas” (ANGROSINO, 2009, p.32).

A observação participante se apresenta como estilo e contexto (ANGROSINO, 2009), pois como o pesquisador se manifesta como um “vizinho e amigo aceitável”, a coleta de dados pode ser feita com técnicas específicas e variadas e os resultados exibidos a partir de um contexto comportamental.

EIXOS PROCEDIMENTAIS PREDOMINANTES NA ETNOGRAFIA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Importante ressaltar nessa seção que, apesar do uso dos métodos etnográficos nas mais diversas áreas e disciplinas, existem múltiplas características que são específicas do estudo etnográfico, e não podemos afirmar que exista um modelo a ser seguido na íntegra, pois sendo o autor um antropólogo cultural, as etnografias explicitarão o posicionamento do mesmo (ANGROSINO, 2009). Também precisamos citar Mattos e Castro para ressaltar que:

[...] parece fácil reconhecer a pesquisa qualitativa, mas destacar dela a etnografia é uma tarefa que exige olhos exigentes e perspicazes. Entretanto, as metodologias ou os procedimentos não qualificam ou desqualificam uma pesquisa, o que o faz é a rigorosidade, o compromisso, a relevância científica e social, a capacidade do pesquisador em proceder e comunicar aquilo que fez e o que resultou do seu fazer científico (MATTOS e CASTRO, 2011, p.35).

Ou seja, a etnografia é uma estratégia de pesquisa que precisa ser usada adequadamente, com seriedade e ao mesmo tempo sensibilidade para que a mesma seja eficiente em seus propósitos. Na próxima seção veremos, ainda que brevemente, quais são as partes de um estudo etnográfico, como fazer o tratamento dos dados e elaborar um relatório final, a importância da ética nas pesquisas etnográficas e a etnografia na área da educação.

Partes de um estudo Etnográfico

Tendo, portanto, as particularidades e a seriedade dos métodos etnográficos em mente, e após escolher um tema eficiente e efetivo para os métodos etnográficos, podemos elencar algumas diretrizes, conforme Angrosino (2009) para trilhar a pesquisa: a) A eleição do campo de pesquisa; b) A coleta de dados em campo; c) A observação etnográfica; d) A análise etnográfica dos dados; e) As estratégias de apresentação dos dados etnográficos.

A eleição do **campo de pesquisa** deve contar desde o início com um profundo autoconhecimento por parte do pesquisador, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. O pesquisador etnográfico deve considerar que não poderá contar sempre com condições convenientes e situações ideais de trabalho, isto significa que o campo de pesquisa deve ser uma escolha coerente, eleita em consonância com a sua visão de mundo, de homem e de sociedade. Com isto, ao adentrar no campo de pesquisa, o etnógrafo que já possui seu modo próprio de perceber a realidade, estende o seu "[...] olhar etnográfico", como nos aponta Oliveira (1996), para chegar à estrutura "da apreensão dos fenômenos nas relações sociais", e conclui que:

[...] a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade.(OLIVEIRA, 1996, p.16)

A **escolha do campo de pesquisa** segue alguns critérios que são importantes para o sucesso da pesquisa, Angrosino (2009, p.47-49) que a escolha do lugar recaia onde haja mais probabilidade em relação à visibilidade e clareza; que ainda não tenha muitos estudos, evitando repetições desnecessárias de pesquisas já realizadas; que sejam considerados seus obstáculos de acesso e permanência, como também os níveis de hierarquia burocrática; que leve em consideração o devido orçamento compatível com a realidade que será encontrada, evitando com isso sobrecarregar o grupo ou comunidade que será investigada.

O estabelecimento de vínculos com a comunidade é um importante fator na decisão da escolha do campo de pesquisa, e as expectativas em relação às novas descobertas precisam ser autênticas. As suposições podem criar falsas expectativas, por isso devem ser evitadas, assim como devem ser evitadas as monopolizações da atenção do pesquisador. E por último, mas muito importante, é a atenção em relação à reciprocidade, empatia e acima de tudo não "[...] se esquecer de agir como verdadeiro ser humano em contato com outros seres humanos" (ANGROSINO, 2009, p.50). Quanto à **coleta de dados** em campo, o pesquisador deve sempre considerar que como observador, a interpretação relativa aos comportamentos humanos não podem ser operados com extrema exatidão, Angrosino (2009, p. 54), expõe o seguinte:

A 'realidade' que nós etnógrafos percebemos é pois sempre condicional; não podemos presumir que outro etnógrafo, olhando em outro momento para o mesmo conjunto de 'fatos', chegará exatamente às mesmas conclusões'.

Para termos um exemplo mais recente, as pesquisadoras Andrade e Maluf abordam as questões relativas às devolutivas das pesquisas em favor de grupos considerados de risco social, na área da

saúde, que conduziram à criação de políticas públicas de desinstitucionalização na reforma psiquiátrica:

[...] partindo do princípio de que são muitas as formas possíveis de devolução, retorno ou restituições da pesquisa etnográfica no campo da saúde, discutir um aspecto específico ligado à pesquisa feita no âmbito da atuação do Estado e das políticas públicas e de sua devolução para o próprio Estado, a partir da contribuição que podem trazer para a avaliação e/ou elaboração de políticas públicas. Grande parte das discussões sobre a devolução da pesquisa etnográfica está ligada às formas e aos modos de comunicação desta aos sujeitos pesquisados, por meio da restituição dos dados e dos materiais recolhidos em campo, do retorno das análises – como relatórios, dissertações e teses, publicações –, e dos registros feitos em campo – como imagens, gravações sonoras, registros e fontes digitalizados. (ANDRADE e MALUF, 2017, p.172)

Tratamento dos dados e elaboração do relatório final

A **análise etnográfica dos dados** configura a questão do conhecimento quando este então se torna um tanto mais crítico, ou seja, procura-se por padrões, regularidades, temas ou dados que deverão perfazer um caminho para explicar, decifrar a realidade observada utilizando uma análise teórica. A análise de dados etnográficos é propícia para a procura de padrões comportamentais, interações e vivências sociais. Oliveira (1996) aponta que:

[...] o olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo (trabalho que os antropólogos se acostumaram a se valer da expressão inglesa *fieldwork* para denominá-lo), é seguramente no ato de Escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica. (OLIVEIRA, 1996, p.22)

E as **estratégias de apresentação dos dados etnográficos** visam atingir um público específico, e se utilizam de uma forma padrão de escrita, a saber, o texto acadêmico em suas formas mais elaboradas. Contudo, esta forma de apresentação pode se valer de alternativas, como as narrativas, descrições poéticas, etnodrama, autoetnografia e a escrita ficcional (ANGROSINO, 2009, p. 104-105). As formas não escritas também podem ser utilizadas, tais quais, filmes documentários ou ficcionais, textos e imagens postados na internet e exposições visuais em museus, para citar alguns exemplos. A esse respeito Oliveira (1996) destaca que:

Geertz parte da idéia de separar e, naturalmente, avaliar, duas etapas bem distintas na investigação empírica: a primeira, que ele procura qualificar como a do antropólogo "estando lá" (*being there*), isto é, vivendo a situação de estar no campo; e a segunda, que se seguiria àquela, corresponderia à experiência de viver, melhor dizendo, trabalhar "estando aqui" (*being here*), a saber, bem instalado em seu gabinete urbano, gozando o convívio com seus colegas e usufruindo tudo o que as instituições univesitárias e de pesquisa podem oferecer. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p.22)

Nesses termos, Oliveira (1996, p.22), explica que "[...] o olhar e o ouvir seriam parte da primeira etapa, o escrever seria parte inerente da segunda". Com isto, devemos entender que há uma relação dialética entre o ato de comunicar e o ato de conhecer, que através do exercício mediador da linguagem, perpassa o conhecimento no universo socialmente construído.

Etnografia e Ética

Para que intercorrências desagradáveis não ocorram ao longo da pesquisa, bem como após o término da mesma, é necessário ao pesquisador conhecer e buscar se adequar aos critérios oficiais de pesquisa junto ao governo, aos códigos de ética das associações profissionais e ser coerente e equilibrado com valores pessoais. É preciso adequar a pesquisa dentro dos padrões das instituições educacionais nas quais se está inserido e respectivos comitês de ética. Angrosino (2009) ressalta que um componente importante do instrumental de todo pesquisador bem preparado para a pesquisa de campo precisa ser:

[...] sua capacidade de discernir claramente os seus próprios valores numa relação de respeito para com os outros, e de se articular esses valores de modo que os potenciais 'colaboradores' da pesquisa possam efetivamente tomar uma decisão razoavelmente bem informada sobre se querem participar ou não de uma pesquisa (ANGROSINO, 2009, p.115)

Ou seja, devido ao estudo etnográfico compreender uma relação muito próxima entre pesquisador e colaborador, os princípios éticos devem preservar pessoais e interpessoais, permeadas por valores humanos como parte integrante em cada etapa da pesquisa, inclusive atendendo aos devidos órgãos competentes e as devidas legislações.

Etnografia nas pesquisas qualitativas na área da educação

No que tange a etnografia como método ligado aos estudos na área educacional, precisamos ter em mente, particularmente no Brasil, sua riqueza de diversidade e sua complexidade. Mattos e Castro elucidam essa questão, chamando a atenção ao fato de que:

A educação escolar, em sua complexidade, pode ser entendida como ciência oriunda do estatuto das Ciências Humanas e Sociais no qual o sujeito e objeto aparentemente se fundem. As ciências podem afirmar a prioridade epistemológica da realidade objetiva do cientista, isto é, a realidade a ser estudada existe objetivamente antes da intenção particular do pesquisador para estudá-la. Entretanto, em Educação, esta realidade estudada é cultural, assim como a do pesquisador que a estuda. Na dialética entre essas duas culturas, a do sujeito pesquisador e a do sujeito pesquisado, é que a complexidade se instaura e é sobre ela que se movimenta o trabalho de pesquisar. Portanto, qualquer que seja a abordagem de pesquisa, é a partir da dialética entre pesquisador e sujeito-objeto que se inicia o processo, estabelece-se as relações com o contexto a ser pesquisado, desenvolve-se o trabalho de coleta de dados, processa-se as análises e se constrói o trabalho científico. (MATTOS e CASTRO, 2011, p.25)

Mattos e Castro (2011, p.36) nos alerta que não é incomum o desconhecimento dos pesquisadores sobre os princípios básicos da etnografia e demais pontos que decorrem desse desconhecimento, que podem tanto comprometer quanto inviabilizar os estudos e pesquisas de base etnográfica. A grande verdade é que se faz necessário um aprofundamento sobre o método etnográfico antes de seu uso, principalmente na área da educação. O uso inadequado nas etapas e princípios básicos da etnografia podem dar origem a pesquisas de baixa ou nenhuma qualidade. Em contrapartida, a etnografia empregada adequadamente tem efeito avassalador, e seu efeito evidencia-se nas palavras de Mattos e Castro:

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (MATTOS e CASTRO, 2011, p. 45)

Na área da Educação, nota-se o uso da "etnografia crítica de sala de aula" como uma ferramenta relevante de investigação e análise do processo de ensino-aprendizagem e, se for articulada a um trabalho de colaboração pode contribuir qualitativamente para o repensar e organizar a relação docente/discente e todo o pessoal da escola, bem como trazer elementos para reflexão de seu clima organizacional, como exemplo. O método etnográfico, por sua natureza descritiva da realidade, e rigorosidade quanto ao entendimento do significado das ações sociais para o outro, quando associado a uma visão crítica da justiça social enquanto perspectiva teórica, precisa da parceria do docente para a análise dos procedimentos interativos de sala de aula. Mattos e Castro (2011, p. 87) enfatiza que o desenvolvimento do trabalho etnográfico crítico de sala de aula sem o professor é "[...] continuar a falar sobre a realidade do professor sem que o professor possa sequer opinar sobre o significado de sua prática".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou discutir a importância da etnografia e da observação participante como estratégia de coleta de dados à luz da abordagem qualitativa, e sua relevância em pesquisas na área da educação. A obra de Angrosino (2009) mostra a importância e as características dos estudos etnográficos e Mattos e Castro (2011) apontam como as pesquisas etnográficas podem ser úteis na análise do processo de ensino-aprendizagem e podem contribuir para o repensar e organizar a relação docente/discente, bem como trazer elementos para reflexão de seu clima organizacional, estabelecendo nexos significativos entre as realidades e desenvolvimento do trabalho investigativo.

Dentre os vários pontos, não podemos deixar de destacar a importância dos princípios éticos dentro da pesquisa, principalmente quando a pesquisa envolve grupos humanos, e alertamos que é necessário um aprofundamento dos pesquisadores sobre os princípios da etnografia, pois o uso inadequado das mesmas podem dar origem a pesquisas de baixa ou nenhuma qualidade. A não observância dos preceitos éticos e a falta de conhecimento sobre o método etnográfico podem fazer com que os resultados sejam comprometidos, bem como levar a pesquisa ao descrédito e impossibilitar futuras pesquisas. Dessa forma, podemos afirmar que em se tratando de pesquisas com grupos humanos, a etnografia e a pesquisa participante são estratégias de pesquisa de suma importância. Na área educacional, os estudos etnográficos atuam dentro da abordagem socioantropológica, dando voz e ouvindo os sujeitos envolvidos, possibilitando reflexões e ações nas práticas e políticas educacionais que envolvem os sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. P. M. de. MALUF, S. W.. *Entre políticas públicas e experiências sociais: impactos da pesquisa etnográfica no campo da saúde mental e suas múltiplas devoluções*. Saúde Soc. São Paulo, v.26, n.1, p.171-182, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n1/1984-0470-sausoc-26-01-00171.pdf> Acessado em 25.jun 2018.
- ANGROSINO, M. V. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, vol.16, núm. 2, 2003, p. 221-236. Disponível em [http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa Qualitativa em Ciencias Sociais e Humanas - Evolucoes e Desafios 1 .pdf](http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa%20Qualitativa%20em%20Ciencias%20Sociais%20e%20Humanas%20-%20Evolucoes%20e%20Desafios%201.pdf) Acessado em 22.jun 2018
- GODOY, A. S. *Revista Administração de empresas*. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. São Paulo, v.35, n.3, p.20-29. Mai/Jun 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n4/a08v35n4.pdf> Acessado em 21.jun 2018
- MATTOS, C. G. L. de; CASTRO, P. A. de. *Etnografia e Educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf> Acessado em: 14 mai 2018.
- OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656> Acessado em 20.jun 2018
- SAVIANI, D. A filosofia na formação do educador. In: Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 1973.

Recebido em: 10.02.2018

Aprovado em 10.04.2018